

A pesquisa “Estratégias Substitutivas às pesquisas e às aulas com animais” vem sendo desenvolvida com o intuito de colaborar com os debates, os questionamentos e as estratégias substitutivas ao uso de animais vivos nas práticas científicas. Nesse sentido, direcionada às aulas de técnicas histológicas, desenvolvemos uma metodologia que utiliza tecidos de cachorros que morreram naturalmente, para substituir o uso de *Rattus norvegicus*. Atualmente, os estudos centram-se em técnicas de conservação de cadáveres a serem usados para o ensino de zoologia, técnica cirúrgica e anatomia. Com a exceção de alguns experimentos de conservação de órgãos isolados, esta etapa da pesquisa encontra-se em estágio preliminar, ainda em estudos teóricos sobre técnicas anatômicas. Mesmo assim, já identificamos dois tipos de técnicas anatômicas a serem usadas no ensino. (1) *conservação úmida de cadáveres*, ideal para o ensino de anatomia e técnica cirúrgica, em que há grande manuseio do cadáver. Essa técnica é aplicada na faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, com grande aceitação pelos alunos (SILVA, 2003). (2) *conservação seca de órgãos*, voltada à exposição do material e ao ensino de zoologia e de anatomia comparada. A inserção do uso de cadáveres de animais doados de clínicas e de hospitais veterinários no ensino acadêmico, associa a dimensão ética, que visa abolir a morte de animais para o ensino, ao processo ensino-aprendizagem. O emprego de tais técnicas, além de diminuir o custo através da reutilização dos materiais conservados, pode aumentar a confiança dos alunos, que não mais se verão na posição de *matar para aprender* (GREIF, 2003), e criar condições para o treinamento intensivo no cadáver, o que é impossibilitado quando se utiliza um animal anestesiado. Talvez, contribua-se, assim, na formação desses futuros profissionais no que se refere ao campo de ação e à constituição de um pensamento mais sensível com os animais.